

Privatizações aliviam efeitos da crise

São Paulo — Os investimentos em privatização, junto com o desempenho esperado para os setores de agricultura e construção civil, devem amenizar o desaquecimento econômico previsto para o ano que vem. A avaliação é feita por técnicos de bancos e empresas que passam estes últimos dias de dezembro fazendo projeções para 1998. Pelos cálculos disponíveis, só os investimentos a serem feitos por empresas privatizadas devem saltar de US\$ 8 bilhões (resultado projetado agora em 1997) para cerca de US\$ 12 bilhões.

Esta é uma boa notícia para o brasileiro, que anda alarmado com as previsões de um crescimento medíocre do Produto Interno Bruto (-PIB) em 1998. De fato, os especialistas esperam um ano difícil. Na melhor das hipóteses, o PIB vai crescer 2%. Será menos do que os 3,4% desse ano e o pior resultado desde 1992, quando o país amargou queda de 0,8%.

Na área das privatizações, 1998 será um ano cheio. A grande jóia do programa é a conclusão do processo de privatização do sistema Telebrás, com a venda da Embratel e das 27 companhias estaduais - que o ministro das Comunicações, Sérgio Motta, deseja ver agrupadas em três holdings regionais. Há oportunidades também na área de energia elétrica, com venda de Furnas, Eletrosul e as energéticas do Estado de São Paulo, avaliadas em R\$ 12 bilhões.

A multinacional alemã Siemens, por exemplo, já prevê investimentos de US\$ 50 milhões no país. Mantido o atual ritmo nas encomendas, a previsão da empresa é fechar 1998 com aumento de 20% no faturamento.

“O quadro no curto prazo realmente não autoriza a queima de fogos. Mas a expectativa é de uma melhora nas contas públicas e de reaquecimento da economia a partir da segunda metade do ano. No final, o saldo será positivo”, completa Carlos Kawall, economista-chefe do Citibank.

PROJEÇÕES

As projeções de economistas e empresários para o PIB variam de -0,2% a 2%. A estimativa de queda de 0,2% foi feita pelo Garantia. O desaquecimento da economia virá

M. Clareto/AE



Kawall, economista do Citibank: expectativa de melhora da economia no segundo semestre

em consequência da alta de juros e do pacote fiscal, que vai recolher mais impostos de empresas e pessoas físicas, e será sentido com mais intensidade no primeiro trimestre de 1998. Neste período, é muito provável ter variações negativas para o PIB.

José Antonio Pena Garcia, economista-chefe do BankBoston, expli-

ca que os setores que dependem diretamente de crédito vão sofrer como nunca. Exemplos: eletroeletrônicos e automóveis. A Philips foi uma que reviu seus planos para o ano novo. Ciente de que aparelhos de TV ou videocassetes deverão encalhar nas prateleiras, a empresa vai ampliar sua atuação em outros setores, aproveitando principal-

mente os negócios ligados à expansão das telecomunicações.

Assim, a Philips vai aumentar a fabricação de celulares, de mini-antenas parabólicas (para operação em serviços de TV por satélite) e de equipamentos para a área de informática. Hoje, de cada R\$ 4 que entram nos cofres da empresa, R\$ 1 vem da venda de aparelhos de televisão. “Nem mesmo a Copa será suficiente para reverter a queda de vendas no caso dos bens duráveis”, diz o economista do BankBoston.

No caso da balança, o efeito não virá tanto pelo aumento expressivo das exportações, mas por conta do desaquecimento da economia. Com a redução de vendas, as empresas tendem a procurar o mercado externo para escoar seus excedentes. O BBA Creditanstalt acredita que as exportações devem passar de US\$ 52,8 bilhões para US\$ 57 bilhões. Já as importações vão oscilar muito pouco em relação aos US\$ 62 bilhões deste ano.

“Para diminuir sua dependência externa de forma definitiva, o governo precisa ir mais longe. Precisa avançar a todo custo nas reformas constitucionais”, alerta o economista-chefe do Lloyds, Odair Abate. As estimativas dos bancos têm como premissa básica a reeleição do presidente Fernando Henrique Cardoso. O único fator que poderia abalar esse favoritismo seria o desemprego.